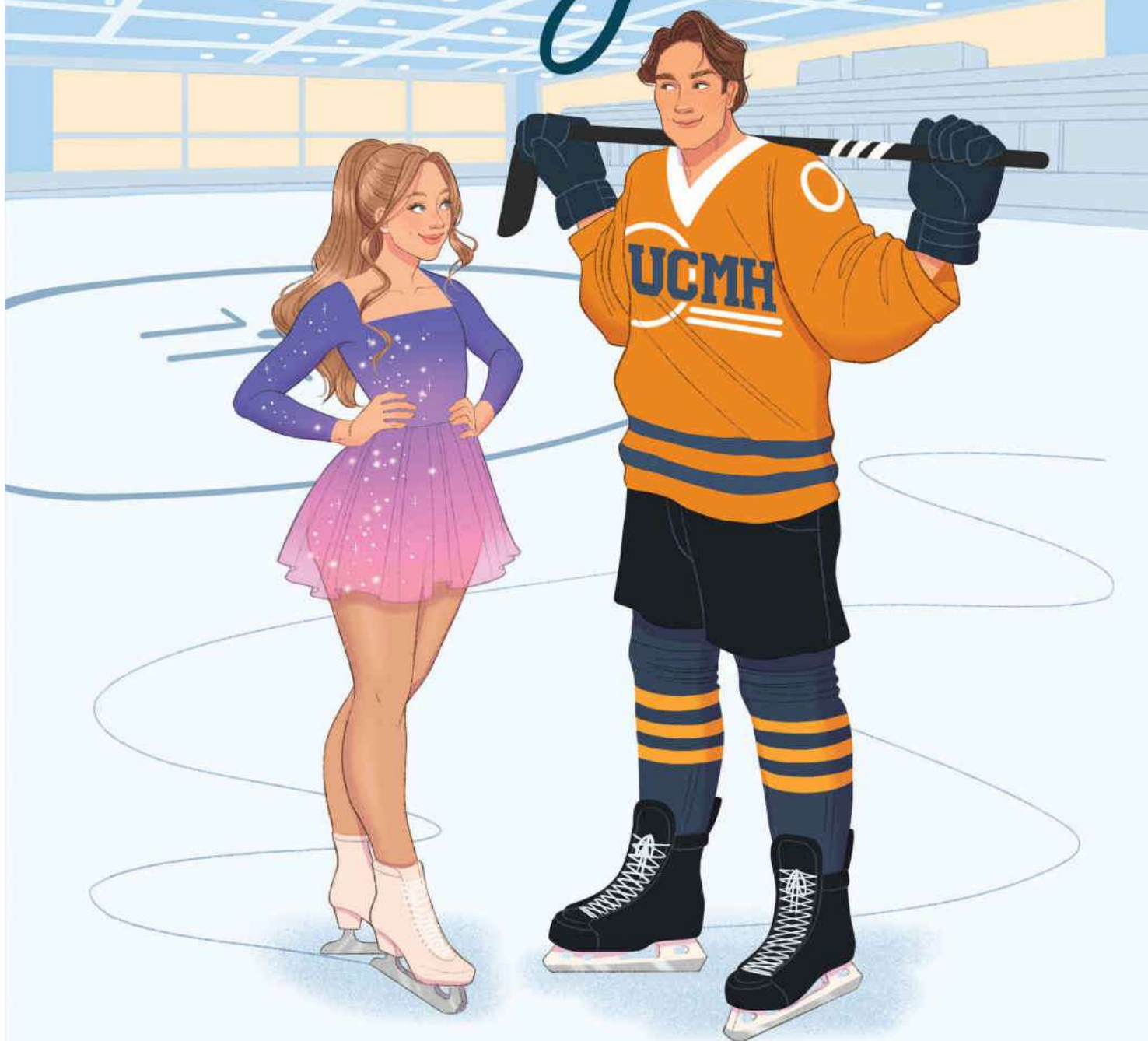


Quebrando o gelo



HANNAH GRACE

Rocco
DIGITAL

HANNAH GRACE

Quebrando
o gelo

Tradução de Bruna Miranda

Rocco:
DIGITAL

Para Erin, Kiley e Rebecca.

Obrigada por acreditarem em mim.

Este livro é para vocês.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Playlist

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Capítulo quarenta e dois

Capítulo quarenta e três

Capítulo quarenta e quatro

Capítulo quarenta e cinco

Capítulo quarenta e seis

Capítulo quarenta e sete

Capítulo quarenta e oito

Capítulo quarenta e nove

Capítulo cinquenta

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Playlist

CRUEL SUMMER TAYLOR SWIFT	02:58
KISS ME MORE (FEAT. SZA) DOJA CAT	03:29
TALKING BODY TOVE LO	03:58
SHUT UP ARIANA GRANDE	02:38
IDGAF DUA LIPA	03:38
ENERGY TYLA JANE	03:20
MOTIVATION NORMANI	03:14
ONE KISS (WITH DUA LIPA) CALVIN HARRIS	03:35
DANCE FOR YOU BEYONCÉ	06:17
NEEDY ARIANA GRANDE	02:52
WHO'S JACQUEES	03:06
LOSE YOU TO LOVE ME SELENA GOMEZ	03:26
KISS ME SIXPENCE NONE THE RICHER	03:29
BOYFRIEND (WITH SOCIAL HOUSE) ARIANA GRANDE	03:06
RUMORS (FEAT. ZAYN) SABRINA CLAUDIO	03:46
MORE THAN ENOUGH ALINA BARAZ	02:31
YOU SHOULD SEE ME IN A CROWN BILLIE EILISH	03:01
I'M FAKIN SABRINA CARPENTER	02:55
MAKE ME FEEL JANELLE MONÁE	03:14

Os patins eram o receptáculo no qual eu despejava
meu coração e minha alma.

— *Peggy Fleming*

Capítulo um

ANASTASIA

— DE NOVO, ANASTASIA!

Se eu ouvir “de novo” e “Anastasia” na mesma frase mais uma vez, pode ser a gota d’água.

Já estou no meu limite desde que acordei esta manhã com uma ressaca do inferno, então a última coisa de que preciso é mais reclamações da treinadora Aubrey Brady.

Eu me concentro em controlar minha irritação, como sempre faço nos treinos em que a treinadora decide que sua missão de vida é me levar ao limite. Por entender que é essa dedicação que a faz ser tão bem-sucedida, decido que a ideia de jogar meus patins na cara dela deve permanecer na minha imaginação.

— Você está desleixada, Tasi! — ela grita quando passamos depressa à sua frente. — Gente desleixada não ganha medalhas!

O que foi mesmo que eu falei de não jogar meus patins nela?

— Vamos, Anastasia. Faz um esforço, pelo menos uma vez na vida — Aaron me provoca e mostra a língua para mim, e lhe lanço um olhar severo.

Aaron Carlisle é o melhor patinador artístico do campus de Maple Hills da Universidade da Califórnia. Quando ofereceram uma vaga na equipe para mim, mas não para o meu antigo parceiro, por sorte Aaron ficou na mesma situação, então nos tornamos uma dupla. Este é nosso terceiro ano patinando juntos e nosso terceiro ano perdendo feio.

Eu tenho a teoria de que Aubrey é uma espiã da União Soviética. Não tenho provas e minha teoria não tem muita base. Base nenhuma, na verdade. Mas às vezes, quando ela grita comigo me mandando acertar a postura ou levantar o queixo, juro que ouço um ligeiro sotaque russo escapando.

O que é algo muito curioso para uma mulher de Philipsburg, Montana.

A camarada Brady era uma estrela da patinação artística na juventude. Até hoje, seus movimentos são delicados e controlados, e ela se move com tanta graça que é difícil acreditar que consiga gritar alto desse jeito.

Seus cabelos grisalhos estão sempre presos em um coque apertado, algo que acentua as maçãs do rosto bem-marcadas, e ela está sempre vestindo o mesmo casaco preto de pele falsa. Aaron brinca que é nele que ela esconde todos os segredos. Dizem por aí que ela devia ter ido para as Olimpíadas com seu parceiro, Wyatt. Porém Wyatt e Aubrey passaram tempo demais praticando certas acrobacias, e ela acabou ganhando um bebê em vez de uma medalha de ouro.

É por isso que está de mau humor desde que se tornou treinadora, há vinte e cinco anos.

A melodia de “Clair de lune” para de tocar ao mesmo tempo que Aaron e eu terminamos nossa coreografia, cara a cara, arfando e tentando recuperar o fôlego. Quando finalmente ouvimos uma única palma, nos separamos e patinamos até a provável fonte da minha próxima dor de cabeça.

Eu mal paro, e os olhos verdes de Aubrey se apertam e ficam concentrados em mim.

— Quando vai acertar o seu Lutz? Se não consegue, precisa retirá-lo do seu programa longo.

Além de Brady, a missão de acertar um quádruplo Lutz sem cair de bunda no chão é a atual desgraça da minha vida. Estou praticando há Deus sabe quanto tempo, mas não consigo acertar. Aaron consegue fazer um sem problemas, e foi por isso que convenci o coreógrafo a colocar esse movimento no nosso programa.

Orgulho é uma coisa idiota. Principalmente no mundo da patinação artística, pois, quando você erra, acaba de cara no gelo. Eu prefiro as quedas

à irritante expressão de decepção falsa que Aaron faz toda vez que alguém sugere retirar o movimento da série.

— Vou conseguir, treinadora — respondo com o máximo de entusiasmo falso que consigo reunir. — Estou quase lá; não está perfeito, mas vou continuar praticando.

É uma mentira leve, inofensiva. Estou *mesmo* quase lá. O que não mencionei é que esse “quase” é apenas fora do gelo, especificamente quando uso equipamentos para me ajudar.

— Ela está quase lá — Aaron mente, passando o braço em volta dos meus ombros. — Tenha paciência, A.B.

É muito legal da parte de Aaron ficar ao meu lado e mostrar que somos uma equipe para a Aubrey da KGB. O que ele me diz em particular é que o único jeito de eu conseguir é se começar a me dopar e construir uma máquina do tempo para ter meu corpo de pré-adolescente de novo.

Ela murmura algo inaudível e nos dispensa.

— Vejo vocês dois de novo aqui amanhã, e seria ótimo se não estiverem de ressaca. Tenho quase certeza de que comer no Kenny’s antes do treino não vai ajudar nenhum dos dois a entrar na equipe olímpica. Entendido?

Merda.

— Sim, treinadora — respondemos ao mesmo tempo.

Aaron está encarando o celular enquanto me espera no saguão depois que saio do vestiário feminino.

— Porra, eu disse que ela ia perceber — resmungo, batendo nele com a bolsa quando chego perto o suficiente para acertá-lo no estômago. — Eu nem comi nada!

Ele grunhe com o impacto, puxando a bolsa das minhas mãos e pendurando-a no ombro.

— Essa mulher tem o olfato de um perdigueiro.

Como a maioria das coisas na vida, patinar é muito mais fácil quando você é homem, porque ninguém te levanta e joga no ar duas vezes por dia.

No primeiro ano da faculdade, como acontece com muita gente, ganhei alguns quilos. Na verdade, foram apenas três, mas Aaron disse que eu estava ficando pesada demais, então não engordei um grama desde então.

Eu tento seguir minha dieta rigorosamente, com uma festa aqui e ali para manter a sanidade. O aniversário de vinte e um anos da minha melhor amiga era a oportunidade perfeita para relaxar, mesmo que isso significasse ter que encarar Brady e uma ressaca ao mesmo tempo.

Entramos na Mercedes G-Wagen do Aaron, o mais novo presente do seu pai rico, adúltero e cheio de culpa, e fomos para casa. No final do primeiro ano, Aaron e eu decidimos que seria legal dividir uma casa, nós e minha melhor amiga, Lola. Nossas rotinas são parecidas e nossas vidas giram em torno da patinação, então fazia sentido.

Aaron vira na Avenida Maple e olha para mim enquanto mexo na bolsa procurando pelo meu bem mais precioso.

— Quais são seus planos para hoje, de acordo com o planner?

Eu reviro os olhos, ignorando a provocação.

— Transar.

— Eca — responde ele com uma careta que enruga seu nariz. — Já é estranho você planejar quando dorme e come, mas precisa mesmo fazer isso com sexo também?

Essa coisa sobre dormir e comer é verdade — todo minuto da minha vida é planejado com precisão no meu planner, que meu amigo acha ser igualmente engraçado e ridículo. Eu não diria que sou controladora, só que preciso estar no controle.

Com certeza tem uma diferença.

Dou de ombros, me segurando para não comentar que pelo menos vou transar e ele, não.

— Ryan é ocupado, e eu também. Quero vê-lo o máximo que puder antes da temporada de basquete começar.

Ryan Rothwell é dois metros de pura perfeição atlética. Ele é armador e capitão do time de basquete da UCMH e leva a carreira esportiva tão a sério quanto eu, o que o torna perfeito para uma relação sem compromisso. Mais uma vantagem é que Ryan é um amor de pessoa, então, além do nosso acordo de benefícios mútuos, também nos tornamos bons amigos.

— Não acredito que você ainda está de rolo com ele. Ele não tem, tipo, o dobro da sua altura? Como ele não te esmaga? Não, esquece. Não quero

saber.

— Tem, sim. — Dou uma risada e belisco as bochechas de Aaron até ele me afastar. — Essa é a vantagem.

A maioria das pessoas presume que Aaron e eu sejamos mais do que parceiros, mas estamos mais para irmãos. Não que ele não seja bonito, mas nunca tivemos interesse romântico um no outro.

Aaron é bem mais alto do que eu, esguio como um dançarino e com músculos bem definidos. O cabelo preto está sempre curto, e eu juro que ele usa rímel, porque os olhos azul-celeste são contornados por cílios longos e escuros de dar inveja, fazendo um contraste com a pele clara.

— Eu oficialmente sei demais sobre sua vida sexual, Anastasia.

Aaron não decide se gosta ou não de Ryan. Às vezes ele fica de boa, e Ryan consegue conhecer o Aaron que eu conheço — uma pessoa divertida. Nas outras vezes, fica parecendo até que Ryan sozinho destruiu a vida de Aaron ou algo assim. Ele consegue ser tão curto e grosso que chega a ser constrangedor. É aleatório, mas Ryan não liga e diz que não preciso me preocupar.

— Eu prometo não falar mais nisso o resto do caminho se você prometer me dar uma carona para a casa do Ryan mais tarde.

Ele pensa por um minuto.

— Ok, combinado.

LOLA LEVANTA O OLHAR da salada que estava empalando com o garfo e bufa.

— Tipo, para quem Olivia Abbott tá dando para conseguir o papel principal pelo terceiro ano seguido?

É impossível não me sentir desconfortável com as palavras de Lola, mas sei que ela não falou por mal. Já estava um pouco sensível hoje de manhã por causa da quantidade absurda de álcool que consumimos na sua festa de aniversário ontem, então este não é o melhor dia para descobrir que não conseguiu o papel que queria.

Eu assisti todas as apresentações dos últimos dois anos, e tanto eu quanto Lo sabemos muito bem que Olivia é uma atriz impressionante.

— Ela não pode só ser uma ótima atriz? Sem precisar dar para alguém?

— Anastasia, você pode me deixar ser babaca por uns cinco minutos e fingir que não sei que ela é melhor do que eu?

Aaron se joga na cadeira ao meu lado e se estica para pegar uma cenoura do meu prato.

— Com quem estamos sendo babacas?

— Olivia Abbott — Lola e eu respondemos ao mesmo tempo, e o desgosto na voz dela é palpável.

— Ela é gata. Talvez a mais gata do campus — ele diz casualmente, sem perceber que o queixo de Lola cai. — Ela está solteira?

— Como é que eu vou saber disso? Ela não fala com ninguém. Ela aparece do nada, rouba o meu papel, e volta a ser uma anomalia.

Lola estuda teatro, e ter uma personalidade forte deve ser um requisito não oficial para entrar no curso, porque todo mundo de teatro que já conheci é igual a ela. Geralmente é uma guerra intensa para conseguir atenção, mesmo como espectadora, mas Olivia fica na dela e por algum motivo isso incomoda as pessoas.

— Desculpa, Lols. Vai dar certo na próxima — digo para confortá-la. Sabemos que isso não quer dizer nada, mas ela sopra um beijo para mim mesmo assim. — Se serve de consolo, ainda não consegui acertar meu Lutz. Aubrey logo vai sacar e me banir para a Sibéria.

— Ah, não. Você é oficialmente um fracasso, como vai conseguir pisar no gelo de novo? — Ela sorri, e os olhos brilham ao olhar para minha careta. — Você vai conseguir, amiga. Tem praticado tanto. — Ela se vira para Aaron, que está mexendo no celular, completamente alheio à nossa conversa — Ei, Princesa do Gelo! Não quer me dar uma ajuda aqui?

— Quê? Ah, sim, desculpa, você também é gata, Lo.

Fico surpresa de não ver fumaça saindo do nariz de Lola quando ela começa a gritar com Aaron por não prestar atenção.

Volto para o meu quarto sorratamente, torcendo para não chamar atenção nem ficar no meio dessa briga entre colegas de quarto. Morar com Aaron e Lola é como morar com irmãos que sempre quiseram ser filhos únicos.

Assim como eu, Aaron é filho único. Ele é o milagre que os pais, mais velhos e do Meio-Oeste, desejaram desesperadamente para tentar salvar o casamento. Ir morar com outras pessoas depois de ser o centro da vida da família por dezoito anos foi uma transição difícil para Aaron e para nós, que temos que morar com ele e lidar com seu humor volátil.

Agora que ele não está mais em Chicago, as coisas entre os pais não vão muito bem, e sempre sabemos quando a situação piora, porque é quando Aaron ganha um presente desnecessário e ridiculamente caro.

Como o carro.

Lola é o contrário de nós dois: ela vem de uma família grande. Ser a mais nova e única menina sempre lhe garantia o posto de número um da casa, e ela não hesita em bater de frente com Aaron.

Ainda estou escondida no quarto quando meu celular vibra e o nome de Ryan aparece na tela.

RYAN

Os caras querem dar uma festa hoje. Podemos ficar na sua casa?
Era pra eles irem pra uma festa do time, ou algo assim, mas resolveram ficar aqui.
Eu só quero ficar a sós com vc.

Td bem, mas meus colegas de quarto estão aqui.
Vamos ter que fazer silêncio.

Haha
Você deveria falar isso para si mesma.
Tá de boa agora?

Sim, pode vir.

Tô indo. Vou levar comida.

— Todo mundo fez as pazes? — eu grito enquanto saio do quarto em direção à sala de estar. Ambos estão concentrados vendo uma reprise de *Criminal Minds* na TV, mas recebo um “sim” distante em resposta, e entendo que é seguro me aproximar.

Me inclino por cima do sofá para pegar um pouco de pipoca da tigela entre os dois, e tento me lembrar de anotar “pipoca” no meu app de alimentação quando voltar para o quarto.

— Então, o time de basquete tá dando uma festa. Queria saber...

— Se a gente quer ir com você? — Aaron me interrompe, estranhamente empolgado.

— Não?

Lola vira para mim, seus cachos batendo nos ombros e uma expressão de pura satisfação no rosto.

— Se a gente se importa de o Ryan vir para cá?

— Sim. Como você...

— Paga, Carlisle. — Ela ri e estica a mão. Aaron passa algumas notas de vinte para Lola e resmunga algo baixinho enquanto ela conta o dinheiro. — A gente ficou sabendo da festa e eu apostei que você não ia querer transar lá enquanto calouros bêbados se pegam do outro lado da porta. Vamos andando para lá.

Nossa casa é um dos presentes de desculpas do pai de Aaron. Foi depois do caso com a secretária ou antes de ele decidir transar com a designer de interiores. Maple Tower é um belo prédio de apartamentos na extremidade do campus, e o nosso tem uma linda vista e é muito bem iluminado.

O prédio não é exclusivo para estudantes, então é um lugar bem tranquilo de se morar, mas é perto o suficiente de todo mundo, o que facilita na hora de ir para festas.

Aaron e eu não deveríamos ir a festas, mas o que Aubrey não vê, a gente não sente.

RYAN ME MANDA MENSAGEM avisando que está subindo depois de eu já ter assistido a Lola experimentar dez looks diferentes, o que foi a desculpa perfeita para deixá-la a sós com seus dez vestidos pretos idênticos.

No começo, achava estranho sentir borboletas no estômago quando ouvia uma batida à porta e sabia que era Ryan do outro lado, mas agora é fofo.

Ele praticamente preenche o batente da porta quando abro e o deixo entrar. O cabelo loiro bagunçado ainda está um pouco molhado, e ele tem um cheiro forte de laranja e algo que não sei descrever, e, estranhamente, isso é muito reconfortante para mim. Ele inclina a cabeça na minha direção e aperta os lábios na minha bochecha.

— Oi, linda.

Ele me entrega uma sacola de lanches que sempre insiste em trazer porque, aparentemente, eu não como o bastante e nunca tem nada para comer quando ele vem aqui. Ryan come mais do que todo mundo que já vi na vida, e o conceito dele de comida boa é qualquer coisa que seja cheia de açúcar.

Por algum motivo, Aaron e Lo estão nos observando da sala de estar, como se nunca tivessem visto seres humanos antes. Ryan ri quando os vê; felizmente, ele já está acostumado com a dinâmica dos dois e dá um “oi” quando andamos em direção ao meu quarto.

— Ei, Rothwell! — Lola grita quando chegamos na porta.

Ele solta minha mão e se vira para olhar para ela.

— Oi?

Ela se apoia nas costas do sofá e, a julgar pelo olhar malicioso, tenho certeza de que não quero ouvir o que ela tem a dizer em seguida.

— Já que meu quarto é do lado do quarto da Tasi e eu vou ouvir você gemendo e batendo suas bolas na bunda dela a noite toda... — Meus olhos se arregalam ao máximo. — ... Pode me dar o código do seu quarto? Assim não vou ter que brigar para usar o banheiro compartilhado da festa.

As acomodações do campus têm trancas eletrônicas nos quartos por questões de segurança. O quarto de Ryan é uma suíte, então a ideia de Lo é muito boa, porque quanto mais bêbadas as pessoas ficam, maior a fila do banheiro.

É o pedido que precisa ser um pouco mais educado.

— Claro, te mando por mensagem. Nada de mexer nas minhas coisas, Mitchell. Eu vou saber.

Ela faz um sinal de paz com a mão.

— Palavra de escoteira. Aproveite a noite de sexo.

— *Meu Deus*, Lols — eu resmungo alto o bastante para ela ouvir enquanto puxo Ryan para dentro do meu quarto, longe dela. — Desculpa por isso.

— Eu gosto dela. Ela é engraçada. — Ryan ri, segura meu rosto com as mãos e o inclina para me beijar.

No começo, é delicado, depois mais intenso, sua língua se movendo contra a minha. Suas mãos viajam pelo meu corpo até chegarem nas minhas coxas, me levantando com um único movimento. Minhas pernas se enroscam em sua cintura de um jeito automático, pois meu corpo conhece o dele depois de fazer isso tantas vezes.

Há um barulho do lado de fora que *eu acho* que é o som dos meus amigos saindo, mas cada beijo quente que Ryan dá no meu pescoço rouba minha atenção na hora. Eu deveria checar se eles já foram, mas isso logo escapa dos meus pensamentos quando Ryan me coloca na cama e deita sobre mim.

— Como foi seu dia? — ele sussurra no meu ouvido.

Ele sempre faz isso. Me beija do jeito perfeito, encaixa o corpo entre minhas pernas, me pressiona do jeito que me faz estremecer, confunde minha mente, e aí me pergunta algo aleatório, tipo como foi meu dia.

Assim que tento formular uma resposta, os dedos dele passeiam por debaixo da minha camisa e ele traça o meu maxilar com o nariz. Parece que cada centímetro da minha pele está vibrando, e ele ainda nem fez nada.

— Foi... é... hum... foi bom. Eu... hum... patinei...

O corpo dele treme quando ri.

— Você *hum* patinou? Parece interessante. Por que não me conta mais, Allen?

Eu odeio ele. Muito, muito mesmo.

Murmuro algo incompreensível sobre gelo e russos enquanto ele tira nossas roupas e estamos os dois quase nus. O corpo de Ryan faria um deus grego chorar; a pele bronzeada graças à casa de verão em Miami e o abdômen mais definido que já vi.

Esquece o deus grego: esse corpo *me faz* querer chorar.

Segurando minha calcinha dos dois lados do quadril, ele me espera acenar com a cabeça antes de puxá-la para baixo, jogá-la no chão e abrir minhas pernas.

— Tasi.

— O quê?

Ele faz uma careta.

— A Lola consegue mesmo ouvir minhas bolas?

Capítulo dois

NATHAN

TEM UMA MÃO PERTO do meu pau que não é minha.

Ela está dormindo pesado, roncando alto, com a mão ao redor da minha cintura por debaixo da minha cueca. Eu lentamente tiro a mão e a examino — unhas postiças longas, anéis da Cartier e um Rolex no pulso fino.

Quem é essa mulher, caralho?

Mesmo depois de uma noite de sabe-se-lá-o-quê, ela ainda tem cheiro de gente rica, e mechas de cabelo loiro caem no meu ombro enquanto ela dorme ao meu lado.

Eu não deveria ter ido para a festa ontem, mas Benji Harding e o resto do caras do time de basquete são uns filhos da puta convincentes. Por mais que eu ame dar festas, nada é melhor do que sair e voltar para uma casa tranquila, sem bagunça ou gente estranha.

A menos que seja esse tipo de bagunça. O tipo em que uma mulher acaba na sua cama e que você nem lembra quem ela é.

O senso comum faz eu querer me virar e ver, mas outra parte de mim, aquela que nos ajuda a recordar de todas as situações idiotas em que nos metemos, me lembra de que o Nate bêbado é um babaca.

Essa parte do meu cérebro se preocupa que essa vá ser a irmã de alguém, ou pior: a mãe de alguém.

— Dá pra parar de se mexer? — a convidada secreta fala. — Qual é o problema de vocês, atletas, com acordar cedo?

Essa voz. É uma voz que eu não queria reconhecer.

Cacete.

Eu me viro lentamente para confirmar meu pior pesadelo: que eu dormi com Kitty Vincent.

E foi isso mesmo.

Ela parece tranquila quando está tentando dormir; seus traços são delicados e gentis, os lábios vermelhos e franzidos. A julgar pela aparência gentil agora, ninguém diria que ela é uma grandecíssima va...

— Por que está me encarando, Nate? — Seus olhos se abrem, e ela me desintegra com um olhar, como o dragão maligno que é.

Kitty Vincent é a personificação de todas as meninas ricas e mimadas e bancadas pelos pais, uma subespécie de mulheres na UCMH que conheço muito bem. Uma expertise que ganhei transando com praticamente todas.

Menos com essa aqui.

Eu jamais deveria ter transado com essa.

Não tem nada de errado com a aparência dela. Pra ser sincero, ela é gata pra cacete. O problema é que ela é uma pessoa terrível.

— Você tá bem? — pergunto. — Precisa de algo?

— Eu preciso que você pare de me encarar como se nunca tivesse visto uma mulher pelada na sua cama — ela responde, pressionando o corpo contra a cabeceira. — Nós dois sabemos que não é o caso, e está me assustando.

— Tô em choque, Kit. Eu, hum, não lembro como isso aconteceu...

Eu me lembro de estar na festa e tentar convencer Summer Castillo-West a me dar o número dela, e ser rejeitado pelo quarto ano seguido. Também me lembro de jogar *beer pong* com Danny Adeleke e perder, algo que eu gostaria de ter esquecido, mas não consigo lembrar como *isso aqui* aconteceu.

— Merda. Espera, você não tá namorando com o Danny?

Ela revira os olhos azuis, estica o braço para pegar a bolsa na mesinha ao lado da cama, e xinga quando vê que o celular está sem bateria. Depois de tirar o cabelo do rosto, ela finalmente olha para mim, e nunca vi uma mulher tão irritada com a minha existência.

— Nós terminamos.

— Ah, é. Verdade. Que merda, sinto muito. O que aconteceu?

Estou tentando ser educado, ser um bom anfitrião até, mas ela ergue uma das sobrancelhas bem desenhadas para mim e faz uma careta.

— Por que você se importa?

Eu passo a mão pela mandíbula, nervoso, enquanto tento pensar em uma resposta. Ela tem razão: eu não me importo. Só odeio traição e entrei em pânico, mas já que eles terminaram, não tenho com o que me preocupar.

— Só estava tentando ser legal.

Ela me dá o sorriso mais falso que já vi, joga as pernas para fora da cama, e atravessa o meu quarto pelada. É difícil me concentrar no quanto ela é bonita porque me lança um olhar frio por cima do ombro que parece querer me desintegrar.

— Se quer ser legal, pede um Uber pra mim.

Graças a Deus.

— Claro.

— Uber Black, Nate. Já é ruim o bastante ser vista saindo daqui. Não me faça sofrer mais sendo mão de vaca.

Quando ela fecha a porta do banheiro e ouço o chuveiro ligar, sei que é seguro gritar no meu travesseiro todos os palavrões que conheço.

ESTOU NA PORTA DA frente observando Kitty entrar no Uber dela; Black, é claro, para evitar mais vergonha.

Passando a mão pelo cabelo, não consigo entender como acabei aqui depois de prometer a mim mesmo que este ano seria diferente.

Eu me lembro bem de dizer para Robbie, meu melhor amigo, na volta do Colorado, que o último ano de faculdade seria diferente. Eu devo ter dito isso umas vinte vezes durante a viagem de dois dias movida à cafeína.

Durou três semanas.

Eu saio do meu transe de autopiedade ao ouvir vozes atrás de mim. Robbie e meus outros colegas de quarto, JJ e Henry, estão sentados na sala de estar, bebendo café como se estivessem em um programa de TV matinal.

— Ora, ora, ora — Robbie diz com um tom malicioso — O que aconteceu aqui, sua putinha?

Robbie me aterroriza desde os cinco anos. O pai dele, que mesmo depois de dezesseis anos eu ainda chamo de sr. H, foi o técnico do nosso time de hóquei da cidade em Eagle County, onde crescemos. Foi lá que nos conhecemos e ficamos amigos, e Robbie não me deixa em paz desde então.

Eu o ignoro e passo direto pelos olhares curiosos em direção à cozinha, me sirvo de uma xícara de café e ergo o dedo do meio para ele em vez de responder.

Enquanto bebo o café o mais rápido possível, ainda sinto os olhares deles em mim. Essa é a pior parte de morar com seu time: não existem segredos.

JJ, Robbie e eu somos veteranos e moramos juntos desde o dormitório compartilhado no primeiro ano, mas Henry está no seu segundo ano no time.

Ele é um jogador incrível, mas ainda tem que aprender a lidar melhor com a pressão social de estar em um time. Ele odiava morar nos dormitórios e tinha dificuldades para fazer amigos fora do time, então oferecemos uma vaga para ele vir morar com a gente.

Sempre tivemos um quarto extra, porque nossa garagem foi convertida em um quarto acessível para cadeirantes para acomodar Robbie, e Henry ficou mais do que feliz com o convite.

Mesmo fazendo apenas três semanas desde que se mudou, já percebemos que ele está mais confiante — deve ser por isso que ele não tem mais nenhum pudor em se juntar a Robbie e JJ para zoar comigo.

— Por que você transou com Kitty Vincent? — pergunta Henry antes de tomar um gole de café. — Ela não é muito legal.

Ah, sim, o cara também não tem filtro.

— Vou fingir que não fiz isso, cara. Ela também não estava muito feliz, e eu não me lembro de nada, então essa não conta. — Dou de ombros, ando até a sala de estar e me jogo numa poltrona. — Porra, como vocês deixaram isso acontecer?

Estou velho demais para jogar a culpa dos meus próprios erros nos outros? Sim. Isso vai me impedir de tentar? Não.

— Eu tentei te impedir, irmão — JJ mente descaradamente, levantando as mãos. — Você disse que ela tinha um cheiro bom e a bunda dela era boa de

apertar. Quem sou eu para atrapalhar o amor verdadeiro?

Eu resmungo alto, fazendo minha própria cabeça doer com o barulho. Se Jaiden diz que tentou me impedir, quer dizer que ele mesmo pediu o Uber e me colocou lá dentro com Kitty.

JJ é filho único, vindo de uma cidade no meio do nada no Nebraska, então zoar com as pessoas ao redor era o único entretenimento que ele tinha quando criança.

Os pais dele sempre vêm visitar o filho em junho, para a parada do Orgulho LGBTQIA+ de Los Angeles, usando com orgulho os broches com a bandeira pansexual. O tempo que já passaram com a gente me permitiu conhecê-los bem, por isso sei que JJ é igualzinho ao pai, o que me faz questionar como a mãe dele conseguiu viver com dois deles em casa.

A sra. Johal é uma mulher maravilhosa e uma santa. Ela sempre enche nossa geladeira de diferentes tipos de curry e comidas antes de irem embora, e tem um gosto impecável para filmes de terror — talvez seja por isso que eu goste tanto dela.

Ela deve ser o único motivo para eu não ter assassinado Jaiden até agora.

Robbie manobra até ficar ao meu lado e joga o braço sobre meus ombros como se estivesse me confortando.

— O seu foco nos estudos e no hóquei durou mais do que o esperado. Agora, se recomponha. Tem que nos dar carona pra aula.

EU NÃO FAZIA IDEIA do que queria estudar quando fui aceito na Maple Hills. Vou me formar em menos de um ano e ainda não tenho certeza de que estudar medicina do esporte foi a escolha certa.

Fui recrutado pelo Vancouver Vipers quando terminei o ensino médio, e foi uma escolha difícil priorizar minha educação, especialmente porque entrar na NHL, a liga esportiva de hóquei, é meu sonho desde pequeno. Eu sempre quis jogar, mas sei que qualquer coisa pode acontecer neste mundo. Um machucado ou um acidente inevitável, e sua carreira já era.

Mesmo com a vaga no time dos meus sonhos me esperando assim que eu me formar, ainda assim, gostaria que *alguma coisa* que aprendi nos últimos

três anos ficasse retida no meu cérebro, para que meu plano B servisse de alguma coisa.

Meu pai não gostou da ideia de eu fazer faculdade em outro estado, muito menos de entrar em um time de hóquei, ainda mais um do Canadá. Ele queria que eu aprendesse sobre o *negócio da família* e tocasse o resort de esqui até ficar velho, que nem ele. A possibilidade de me tornar o meu pai sempre foi o suficiente para me motivar a me organizar e correr atrás das minhas metas.

Eu entenderia melhor sobre estruturas celulares se não estivesse exausto dos treinos, sem falar no trabalho constante que é manter meus colegas de equipe longe de confusão. Quando Greg Lewinski se formou ano passado e passou o posto de capitão para mim, não me avisou do quanto eu teria que agir como babá para ter certeza de que o time estaria pronto para jogar.

Robbie me ajuda, já que é assistente do treinador Faulkner. Depois do acidente de esqui no ensino médio, Robbie não recuperou os movimentos das pernas e agora usa uma cadeira de rodas. Ele transferiu seu talento em me xingar no gelo para o de me xingar da arquibancada.

Ele ama balançar a sua prancheta gigante para chamar minha atenção e me dizer para jogar melhor. Os caras do time adoram que eu seja o foco das broncas de Robbie, porque isso dá um respiro para eles.

O exemplo perfeito disso é um dia como hoje. Nas sextas-feiras, JJ e eu temos aula no prédio de ciências, então temos a tradição de nos arrastar até o rink para praticar depois de passar no Dunkin' Donuts para pegar um lanche pré-treino.

É nosso segredo, mas JJ sabe que, se formos pegos, eu vou levar a culpa de qualquer forma, então ele não se importa em correr o risco. A última aula do dia às sextas-feiras é a coisa que menos gosto na vida, então não me importo também.

Estou rolando meu feed no celular, esperando JJ do lado de fora do laboratório, quando ouço a sua voz empolgada ficar cada vez mais alta enquanto se aproxima.

— Pronto para acabar com essa ressaca?

— Nada que um donut de granulado colorido não resolva. Suar o álcool é bom, de qualquer forma. Vai me deixar zerado para hoje à noite.

Ele franze o cenho.

— Do que você tá falando? Não viu o grupo?

A última coisa que vi foi Robbie decidindo que íamos dar uma festa hoje. Nosso primeiro jogo é apenas daqui a duas semanas, e é uma tradição nossa começar a temporada com uma festa, ou cinco.

Assim que pego o celular, vejo as mensagens não lidas.

MARIAS PATINS

BOBBY HUGHES

Acho que vou morrer.

KRIS HUDSON

Vai com Deus, irmão.

ROBBIE HAMLET

Resenha lá em casa hoje?

BOBBY HUGHES

Como diria Michael Scott, estou pronto para ser machucado de novo.

JOE CARTER

Vou levar o tabuleiro de Roleta-Russa de Tequila.

HENRY TURNER

Chegou e-mail do Faulkner pra irmos pra sala de troféus, não pro rinque.

JAIDEN JOHAL

Quê?

HENRY TURNER

Enviado uma hora atrás.

A sala de troféus é um espaço multiuso na parte central do pavilhão de esportes. A maioria de nós não passa muito tempo lá, a menos que nós estejamos encrocados: é o lugar no qual os treinadores trabalham fora do horário dos treinos e jogos. É onde acontecem cerimônias no final do ano. Se estamos sendo chamados para lá, é porque alguém fez uma merda das grandes, e espero que não tenha sido eu.

— Não sei o que tá rolando — diz JJ quando entramos no meu carro. — Sabe o Josh Mooney, o cara do time de beisebol da minha sala? Ele disse que

o treino deles foi cancelado também. Eles têm que ir pra sala de troféus, mas foram trinta minutos antes de nós. Estranho pra porra.

É a terceira semana de aula, não deve ser grande coisa.

NÓS ESTAMOS COMPLETAMENTE FODIDOS.

Quando entramos na sala, o treinador nem olha para nós. Metade do time está sentado na frente dele, cada um com a mesma expressão que eu reconheço: medo. JJ se senta ao lado de Henry e me lança um olhar de quem diz: *descobre aí, capitão*.

Neil Faulkner é o tipo de homem que você não quer irritar. Três vezes campeão da Stanley Cup até um motorista bêbado o jogar para fora da estrada, quebrando seus braços e sua perna direita e acabando com sua carreira na NHL em um instante. Eu já assisti às gravações dos jogos dele, inúmeras vezes, e ele era — quer dizer, ainda é — um cara foda e assustador.

Logo, o fato de ele estar sentado em uma cadeira na frente do time inteiro, com o rosto vermelho como se estivesse prestes a implodir, sem falar nada, é um gatilho para meu instinto de lutar ou correr. Mas o meu time precisa de mim, então coloco o meu na reta.

— Treinador, a gente gos...

— Senta a bunda na cadeira, Hawkins.

— Ma...

— Eu não vou falar de novo.

Passo por meus colegas de equipe com o rabo entre as pernas, e eles estão com uma expressão pior ainda agora. Estou me matando para tentar adivinhar o que fizemos, porque não é possível que ele esteja puto por causa da festa de ontem à noite.

Com a exceção de Henry, a maioria dos calouros não estava lá. Eles são menores de idade, não podem beber, então não convidamos esse pessoal para as festas. Isso não significa que não fiquem bêbados nas casas de fraternidade, mas pelo menos não sou eu quem está dando cerveja para eles em vez de ser um líder responsável.

Quando Joe e Bobby chegam e se sentam, o treinador finalmente se mexe — bom, ele bufa, mas pelo menos é alguma coisa.

— Nos meus quinze anos nesta escola, nunca senti tanta vergonha quanto senti esta manhã.

Merda.

— Antes de continuar, alguém quer dizer algo?

Ele está olhando para cada um de nós como se esperasse alguém se levantar e confessar, mas sinceramente não sei do que ele está falando. Ouvi esse discurso de vergonha *tantas* vezes desde quando entrei para o time — é um clássico do Faulkner —, mas nunca o vi com tanta raiva.

Ele cruza os braços, se encosta na cadeira e balança a cabeça.

— Esta manhã, quando cheguei no rинque, ele estava destruído. Então, quem fez isso?

Times de faculdades têm muitas tradições. Algumas boas, outras ruins, mas todas são tradições. Maple Hills é assim, e cada esporte tem suas manias e superstições que são passadas ano após ano.

As nossas são os trotes. Trotes infantis e irresponsáveis. Entre nós mesmos, outros times, outros esportes. Eu já levei broncas o suficiente de Faulkner ao longo dos anos antes de decidir que não ia deixar isso acontecer enquanto fosse capitão. Caras egoístas brigavam, tentando superar uns aos outros, ou a si mesmos, até chegar ao ponto em que a escola era forçada a fazer algo a respeito.

Então, se a arena foi destruída, quer dizer que alguém não estava me levando a sério.

Eu me inclino para a frente, para ter uma visão melhor dos meus colegas de equipe, e preciso apenas de uma fração de segundo para localizar Russ, um cara do segundo ano que começou a jogar com a gente ano passado, e que agora parece ter visto um fantasma.

A voz de Faulkner vai ficando cada mais alta até começar a ecoar.

— O diretor está furioso! O reitor está furioso! *Eu* estou furioso pra caralho! Achei que essa merda de trote tinha acabado! Vocês deveriam ser homens! Não crianças!

Quero falar algo, mas minha boca está seca. Limpo a garganta, o que não ajuda, mas chama a atenção dele. Depois de tomar um gole d'água, consigo finalmente falar:

— Acabou, treinador. Não fizemos nada.

— Então alguém, do nada, decidiu destruir o gerador e o sistema de refrigeração? O meu rinque está prestes a se tornar uma piscina e espera que eu acredite que vocês, palhaços, não tiveram nada a ver com isso?

Isso é muito, muito ruim.

— O diretor vai realizar uma reunião com cada atleta em cinco minutos. Preparem-se, senhores. Espero que nenhum de vocês esteja planejando seguir carreira como jogador.

Eu já disse *merda*?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Quebrando o gelo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).